

Que espiritismo é esse? Santa Maria e seus propagandistas¹

That spiritualism is that? Santa Maria and its propagandists

Renan Santos Mattos*

Resumo: O presente trabalho insere-se na pesquisa acerca do processo de organização do Espiritismo na cidade de Santa Maria - RS no contexto de 1930 a 1940. Nesse artigo, exploramos as estratégias de esclarecimento empreendido pelos agentes espíritas junto à população local. Frente a tais objetivos, abordamos inicialmente as questões específicas de disputas religiosas locais, e por fim, buscamos pensar como o Espiritismo se insere no contexto social da cidade do centro do Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Espiritismo. Santa Maria. Propagandistas.

Abstract: This work is part of the research about the organizing process of Spiritualism in the city of Santa Maria - RS in the context of 1930 to 1940. In this article, we explore the clarification strategies undertaken by the spiritualists agents by the locals. Faced with such goals initially we approach the specific issues of local religious disputes, and finally, seek think like Spiritualism fits into the social context of the city center of Rio Grande do Sul State.

Key-words: Spiritism. Santa Maria. propagandists.

Introdução

¹ O presente artigo é uma versão modificada de temáticas abordadas em dissertação intitulada MATTOS, Renan Santos. Que espiritismo é esse? Fernando do ó e o contexto religioso de Santa Maria-RS (1930-1940). 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

* Doutorando em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina na linha de Pesquisa Relações de Poder e subjetividades, sob orientação do Professor Artur Isaia. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2010), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (2014). Atualmente é professor de história da Escola Estadual de Ensino Básico Irmão José Otão, tutor da Universidade Federal de Santa Maria no Curso de Pedagogia e membro do Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades da ANPUH-RS.

A análise sobre as construções de identidades religiosas converge, como diz Sueli Rolnik (1997, p.4) para um tempo em que estamos cada vez mais viciados em consumir identidades, logo, as religiões disputam formas de subjetivação no tempo e no espaço. Num contexto mais amplo, ao propormos evidenciar a doutrina espírita enquanto uma perspectiva de leitura da realidade, tendo por eixo de pesquisa a trajetória de Fernando do Ô na cidade de Santa Maria – RS buscamos evidenciar as alianças e disputas estabelecidas nesse jogo de conflitos e acomodações do campo religioso brasileiro.

Marcados por tensões internas em torno da unidade institucional e doutrinária advindas da diversidade de interpretações e projetos dos sujeitos históricos buscamos refletir acerca de tal contexto específico, no qual diversas instituições espíritas criadas no Brasil nas primeiras décadas do século XX estiveram imbuídas de uma perspectiva religiosa. Assim, a partir do estudo da trajetória das lideranças espíritas podemos refletir acerca da construção da imagem pública, circulação de ideias e legitimação do espiritismo no Brasil².

Salienta-se que através da pesquisa do Jornal Diário do Interior evidencia-se o cotidiano e as disputas presentes no contexto de Santa Maria. Esse periódico foi fundado em 1911, sendo a primeira folha de propriedade do anglicano Alfredo Rodrigues da Costa. Era um jornal independente e sem cores políticas, e buscava reforçar a modernidade que chegara com o trem na cidade. Voltado para temas como política, sociedade e o cenário internacional, a Seção Telégrafo, por exemplo, veiculava notícias do Estado e do país, ao mesmo tempo em que veiculava notícias de outros periódicos, como Diário Carioca e Diário da Noite. O jornal trazia em suas páginas todos os aspectos da vida cotidiana da cidade: a movimentação teatral, os lançamentos no cinema, as feiras literárias, as ofertas de hotéis e o comércio, sendo o mais popular da cidade de Santa Maria. E, como enfatiza Marta Borin, o jornal permite evidenciar toda a dinâmica cultural e espiritual da cidade, ou seja, revela como o campo religioso local foi disputado entre agentes sociais de diferentes crenças para conquistar adeptos (BORIN, 2010, p.33).

Este artigo propõe-se a dar continuidade a nossa compreensão do espiritismo a partir das pessoas que se definiram espíritas. Nesse sentido, temos por objetivo

² Sobre as disputas de campo espírita. Ver Amorim (2011).

analisar as estratégias de divulgação assumidas pelos espíritas em Santa Maria a partir de artigos presentes no *Jornal Diário do Interior*. A fim de dar conta de nosso objetivo, analisamos inicialmente as questões específicas de disputas religiosas vivenciadas na década 1930, e por fim, buscamos pensar como o Espiritismo se insere em tal contexto social.

Santa Maria – a cidade católica e seus espaços de disputa

A cidade de Santa Maria situa-se no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Nascera sob o signo das missões jesuíticas, da demarcação de fronteira quando, em 1797, tropas portuguesas armaram seu acampamento, dando origem ao povoado (BIASOLI, 2010, p.121). Por outro lado, são as questões religiosas que impulsionam nossa perspectiva de pesquisa. Nesse ponto, delimitamos nossa análise no processo de restauração católica e afirmação do Catolicismo na cidade, dialogando com suas exclusões, “disciplinizações³” e interditos. Esses elementos são contemporâneos da formação de um espírito moderno e anticlerical, o que gerou tensões e conflitos com a Igreja Católica, atestando a pluralidade de crenças na cidade (BORIN, 2010, p.292).

Coincidentemente, o final do século, entre 1880 a 1885, representou um novo estágio para a estrutura social de Santa Maria da Boca do Monte. A partir de 1898, a cidade passou a ser o ponto de cruzamento das diversas regiões do Estado. Conforme Borin, tal modernização permitiu “a população da cidade deslocar-se até a Província do Rio de Janeiro e a outras localidades, inclusive da região platina”, promovendo a dinamização e circulação de mercadorias, repercutindo sobre o trânsito e a pluralização de agentes sociais. Para comprovar tal inferência, Marta Borin aponta o

³Sobre essa questão Karsburg (2007, p. 23) destaca o universo “popular” que compunha a cidade de Santa Maria. Um catolicismo com caráter prático e imediatista, que levava consolo e prestava auxílio nas doenças; um contato direto com os santos, homenageados de modo grandioso tal e qual se fazia a Santo Antônio Abade, ao Divino Espírito Santo ou a Nossa Senhora do Rosário onde romarias, rezas, procissões aliados às práticas festivas, como fogos, banquetes, cavalhadas e danças. Esse era o catolicismo praticado pelo brasileiro no século XIX e que foi considerado “fora de todos os padrões”. A Igreja ultramontana não aceitava a ingerência dos leigos em assuntos da religião, igualmente criticando a pouca ortodoxia por parte dos fiéis, sendo assim, também afirmava que o catolicismo brasileiro estava “fora de todos os padrões”, com o povo apegado a superstições, e buscava na figura do poder do papa e do clero disciplinar as crenças populares.

surgimento de uma cultura letrada na cidade, dessa maneira, até 1928 surgiram aproximadamente quarenta e oito jornais em Santa Maria, alguns com cunho político, outros críticos literários, confessionais e humorísticos. As divergências de ideias, de ideologias e de posicionamentos políticos eram veiculadas nesses periódicos, pois “a imprensa representava o saber da cidade, era código de civilidade”. (BORIN, 2010, p.72).

Por outro lado, segundo Vitor Biasoli, com os Palotinos⁴, a situação de descrédito da igreja foi se alterando. O autor ressalta a importância do Padre Caetano Pagliuca nesse processo, cujas estratégias deram-se em diferentes campos como da saúde, educação e política. Como marcos desse projeto, Biasoli (2011, p.4), assinala: 1) a construção da nova matriz; 2) o auxílio na construção do hospital da cidade (Hospital de Caridade, em 1903); 3) a colaboração para o estabelecimento de escolas católicas (para meninos, pelos Maristas; para as meninas, pelas Irmãs Franciscanas).

Dessa forma, segundo o autor, é possível projetar a conquista do espaço religioso de Santa Maria:

No final da década de 1910, Santa Maria era uma cidadela católica, pronta para o regozijo do vigário, do bispo e do papa. Igreja clericalizada, com templo apropriado e várias capelas, contando com colégios para formar uma elite, e com obras assistenciais que firmavam os valores cristãos no seio da sociedade. A resistência liberal e maçônica estava enfraquecida e as demais igrejas (Luterana, Metodista e Anglicana) instalavam-se sem ameaçar o predomínio e a abrangência social do catolicismo (BIASOLI, 2010, p. 188).

Marta Borin dimensiona o processo de restauração católica em Santa Maria, vinculando sua relação ao contexto mais amplo do cenário nacional. Nesse sentido, analisa o investimento em torno da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, a partir da década de 1930, e sua eleição como padroeira do Estado, enquanto força simbólica para a legitimação do Catolicismo na cidade como integrante de um projeto de conquista de fiéis e de reconhecimento como preponderante no espaço da cidade. Nas palavras da autora, “a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as

⁴ Os Palotinos, designação dada à congregação religiosa italiana fundada por Vicente Palloti, em 1835, chegaram à Quarta Colônia de imigração italiana, região central do Rio Grande do Sul, em 1866. Engajados no espírito reformador da Igreja Católica, tornaram-se forças propulsoras do Catolicismo na região central do Rio Grande do Sul.

Graças foi uma nova possibilidade de legitimação da presença do Catolicismo na cidade” (BORIN, 2010, p. 296).

Para entendermos tal fabricação é preciso levar em conta sua origem a partir do fato político: a interpretação do Padre Inácio Valle sobre os desdobramentos da chamada Revolução de 1930, segundo a qual a Virgem Maria protegeu a cidade dos possíveis confrontos entre o exército e as forças revolucionárias.

Durante golpe de Estado e consequente deposição do presidente Washington Luís, em 3 de outubro de 1930, por meio do movimento organizado pela Aliança Liberal, as várias unidades do Exército Nacional e uma milícia estadual, a Brigada Militar, estavam organizadas na cidade, pairando um clima de conflito armado. A situação, porém, não deflagrou o esperado conflito armado, sendo as principais lideranças militares presas por se recusarem a aderir ao movimento revolucionário.

É justamente a versão do clero local que disseminou-se na cidade, agregando seminaristas e devotos, constituindo argumentação para construção da devoção, que ganhou notoriedade inclusive em escala estadual e nacional. Já em 1931 ocorreu a primeira romaria em homenagem a Nossa Senhora e, em 1939, a festa em homenagem a santa foi introduzida em todo o Brasil, sendo o dia 31 de maio consagrado à mesma. Em 1942, frente à repercussão alcançada pela devoção, os bispos do Rio Grande do Sul elevaram Nossa Senhora Medianeira como a padroeira do Estado, tendo início no ano seguinte as romarias estaduais.

Inserida nos meios operários, a devoção ganhou novo significado para a população católica e cumpriu os objetivos da Congregação Católica. Borin salienta que:

[...] tal devoção esteve sempre sob o controle da hierarquia da diocese de religião predominante na cidade e no Estado, conquistar e cristianizar a Santa Maria e tinha um objetivo maior: legitimar o catolicismo como classe operária do Brasil e combater as ideias comunistas, principalmente entre os operários. Estes é que dariam o cunho popular à devoção pois, quando a piedade popular, no caso da devoção a Medianeira, ficava sob a tutela da Igreja, não era mais julgada como “excessivamente sentimental, ignorante e mágica”, mas necessária para afastar o povo devoto das ideologias contrárias ao catolicismo (BORIN, 2010, p. 290).

Dessas palavras, pode-se dizer que o clero local, portanto, tendo por base o projeto restauracionista, legitimava a devoção “popular”, cujo processo convergia aos interesses do Estado brasileiro de 1930 tanto por propor uma moralização da nação quanto evitar o contato das classes trabalhistas com doutrinas comunistas e socialistas.

Nesse sentido, Borin ainda elucida que:

As iniciativas do clero santa-mariense contribuíram para que, nos anos de 1930, a Igreja conquistasse, também, o apoio do Estado Vargasista, pois as instituições, Igreja e Estado tinham, naquele momento, interesses comuns: a *sacralização da sociedade* para manter os operários sob o controle do Estado. Assim, o clero de Santa Maria ia ao encontro da ideia motriz da Igreja católica a partir da Revolução de 1930: conquistar a *res publica como christiana*, na qual a obediência ao Estado e à hierarquia católica, aliadas à fé cristã, fossem objeto central da vida política e social. (BORIN, 2010, p. 296, *Grifos do autor*).

A partir do exposto, tínhamos uma Santa Maria em tensão e distensão entre agentes, sendo a pluralidade e a dinâmica características perceptíveis. Marta Borin (2010, p.293) destaca que, apesar do fortalecimento da presença do catolicismo, a polarização e tensões permaneciam, e indica possibilidades de análise. Nesse sentido, as configurações sociais entre católicos e as demais confissões religiosas da cidade incitam problematizações. É nesse sentido que buscamos referenciar o processo de investimento desses agentes no Jornal Diário do Interior, evidenciando, as lutas empreendidas no sentido de inserção social e de garantia do exercer sua liberdade de crença.

Entre ciência e caridade: os espíritas, o espiritismo e suas estratégias

Em meados do século XIX, os relatos sobre eventos de mesas giratórias e ruídos estranhos intrigavam os diversos grupos sociais. Assim, os fenômenos convencionalmente chamados de mesas girantes ou mesas falantes⁵, ganharam

⁵ Segundo Amorin (2007, p.2), os participantes colocam-se ao redor de uma mesa, em cima da qual colocavam suas mãos. A mesa levantando um de seus pés, enquanto se recitava o alfabeto, dava uma

notoriedade nos salões europeus, reunindo frequentadores e curiosos "em busca de mensagens obtidas através de pancadas produzidas por objetos que mais pareciam obedecer a alguma força desconhecida e autônoma" (ARRIBAS, 2008, p.19).

Nesse contexto que se convencionou chamar de Movimento Espiritualista, surgiu na França oitocentista a Doutrina Espírita (Espiritismo, ou também conhecido no Brasil como Kardecismo). Elaborada por Allan Kardec, tal sistematização representou uma proposta bastante peculiar para o entendimento da morte e da vida após a morte. Diante disso, Kardec, ao adotar alguns postulados que considerava científicos, acabou definindo o espiritismo como "uma ciência de experimentação e uma filosofia que compreende consequências morais, ou em outras palavras, enquanto uma ciência, uma filosofia e uma religião" (DAMAZIO, 1994; ARRIBAS, 2008).

Essa dualidade, misticismo e racionalidade, como aponta Eliane Moura Silva (1996, p.2), lançou o movimento espírita como um pensamento revolucionário de sua época, e, a partir de seus pressupostos racionais, obteve ampla aceitação, sobretudo entre grupos intelectuais e as classes médias, que identificaram na nova doutrina uma interpretação mais coerente do mundo, à medida que procurava conciliar em sua argumentação ciência e religião. Ainda nessa lógica, é importante mencionar o caráter educativo assumido pela doutrina. Ao incentivar o estudo, a aquisição de conhecimentos, em vista do aprimoramento moral e intelectual, como possibilidades da elevação espiritual, emergiam elementos que configurariam o pensamento triunfante da época: "o progresso e a ética do trabalho, em ascensão na sociedade burguesa, assim como os princípios positivistas do Amor, da Ordem e do Progresso" (SILVA, 1996, p.02).

O Livro dos Espíritos chega ao Brasil por intermédio dos imigrantes franceses que, à época, desfrutavam de "prestígio econômico, social e cultural" (DAMAZIO, 1994, p.65). A bibliografia especializada articula tais acontecimentos a um contexto bastante específico dos anos de 1860 quando o ideário de modernização inaugurado com a chegada da Família Real (1808) consolida-se no Rio de Janeiro e as novidades

pancada toda vez que fosse falada a letra servisse ao espírito, a fim de formara as palavras. Aos poucos este processo foi sofrendo variações.

da Europa, as ideias como o Darwinismo, Positivismo e Cientificismo passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.

Nesse contexto, o espiritismo Kardecista expandiu-se por todo o Brasil no final do século XIX e início do século XX. As primeiras organizações surgiram na Bahia (1865 e 1874) e no Rio de Janeiro (1873), e a organização de uma Federação Espírita Brasileira data de 1884, numa tentativa de preservar a unidade doutrinária e o esforço de reunir, de modo institucional, a crescente população de adeptos (CAMARGO, 1973; DAMAZIO, 1994, SCHERER, 2013). E tal processo obviamente não se processou isento de dramaticidade, envolvendo disputas e perseguições em diversas instâncias – religiosa, médica, política e judicial.

A apresentação acima permite constatar que o Espiritismo Brasileiro possui uma história de disputas e conflitos em que a noção de espiritismo e a figura do espírita duelavam no sentido de permitir a organização e reorganização do movimento. Assim, para Artur Isaia (2011, p.121-122), o espiritismo brasileiro compôs-se de uma realidade cultural ligada tanto a um catolicismo quanto a reminiscências de uma ancestralidade afro-indígenas. Nesse sentido, tal conformação do Espiritismo no Brasil correspondeu a uma interpretação original de alguns pontos específicos da obra de Kardec de cunho mais moralista e religioso que justificam os estudos locais e regionais.

O surgimento do Espiritismo de Santa Maria deu-se com a fundação da Sociedade Espírita Paz, Amor e Caridade na localidade de Água Boa, atual distrito de Arroio do Só, em 1903. A primeira instituição no município remonta a 1910 e foi nominada de Sociedade Espírita Mont’Alverne, seguida, em 1915, pela Sociedade Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Por outro lado, um marco delimitador dessa organização ocorreu em 1921, com a inauguração da Aliança Espírita Santa-Mariense (AES), dando início à fundação de importantes instituições e campanhas de divulgação do Espiritismo. Tais constatações podem perceber no seu estatuto que data de 1926:

Art. 1 – A «Aliança Espírita Santa-mariense» será constituída das entidades espiritas do município de Santa Maria da Boca do Monte, que a ela se filiare, e de sócios individuais.

§ Único – São consideradas entidades espíritas, sociedades, centros, círculos, grupos, jornais, revistas e quaisquer instituições, cujos programas observarem os princípios fundamentais da doutrina espírita.

Art. 2 – Sua sede social e jurídica é a cidade de Santa Maria da Boca do Monte – Estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

Art. 3 – A «Aliança Espírita Santa-mariense» se acha filiada à «Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul» e seus fins principais são:

a) Propagar, executar e defender a doutrina espírita, por todos os meios ao seu alcance;

b) Criar escolas, albergues e farmácia para os necessitados, socorrendo-os, principalmente, as viúvas, órfãos e a velhice, desamparados, tanto quanto permitirem suas condições financeiras;

c) Organizar uma biblioteca, aumentando na proporção de suas posses, bem como uma sala de leitura para os seus associados, e que poderá ser franqueada ao público, quando assim entenderem os seus dirigentes.

d) *De propaganda* – conferencias ou palestras públicas, para o que serão convidados oradores de reconhecida competência. O tema, entretanto, de livre escolha destes será completamente alheio a quaisquer questões pessoais, ou de agressão a outras crenças – mantida, apenas, a liberdade de crítica, moderada (ALIANÇA ESPÍRITA, 1926, p.1).

Assim, uma prática e uma interpretação de espiritismo foram enunciadas por tais agentes e suas instituições. Ao privilegiarmos a fonte jornalística de forma a entender tais definições, deparamo-nos com o seguinte convite:

Pelo espiritismo.

‘Amanhã, às 20:30 horas, o dr. Fernando do Ó, advogado no foro local, fará mais uma conferência da série iniciada segunda-feira passada, sob o tema "O Espiritismo à luz da ciência", na Aliança Espírita Santa-mariense. A primeira foi feita perante numerosa assistência, tendo o orador sido fartamente aplaudido ao terminar. ‘Como de costume, as conferências da Aliança são públicas e cogitam somente das questões atinentes à doutrina reencarnacionista (DIÁRIO DO INTERIOR, 23/02/1936).

Acompanhando tais notícias, podemos constatar os agentes envolvidos na propagação do espiritismo na cidade. Em primeiro lugar, observamos a presença recorrente de certos agentes atuando como articuladores e líderes em favor da difusão do espiritismo e sua institucionalização na cidade tais como Octacílio de Aguiar, Fernando do Ó, João Fontoura e Souza, Evargisto Duarte, Major João Scherer, Tenente Daniel Cristovão e Dr. Antônio Víctor Menna Barreto, em que os

mesmos assumiram-se como vozes especializadas para difundir e defender o Espiritismo Kardecista na cidade.

Nesse universo, uma estratégia recorrente referia-se às Conferências de Propagação proferidas tanto por representantes do Espiritismo do Rio Grande do Sul quanto locais. Homenagens a Kardec, a membros ilustres do espiritismo sul-riograndense e local faziam parte da agenda e de atividades que buscavam dar conta de tais princípios, cujos temas buscavam conciliar a soteriologia⁶ espírita, bem como as temáticas do presente contexto. Discussões entusiasmadas sobre o Espiritismo, sobre religião, sobre divórcio convergiam a uma sociabilidade que investia no estudo e letramento. A nota do *Jornal Diário do Interior* evidencia:

A atual diretoria da Aliança está empenhada vivamente para que a “Cruzada de Propaganda”, a começar amanhã se faça com maior interesse e entusiasmo possíveis. Realizada essa série de conferências na Aliança, a diretoria da entidade percorrerá todas as agremiações filiadas, não só para se observar como se processa o trabalho em suas sessões como para realizar preleções doutrinárias sobre pontos escolhidos por seus diretores. A Cruzada Propagandista no dia 31 de março do próximo vindouro, data de morte do fundador do Espiritismo – Allan Kardec. Por essa ocasião realizar-se-á a Festa Espírita de Confraternização, patrocinada pela Aliança. É uma festa de caráter essencialmente Espírita (DIÁRIO DO INTERIOR, 07/01/1934).

Não restrito a esses aspectos, o *Diário do Interior* ainda relatava as reuniões e conferências, evidenciando aspectos cotidianos do dia a dia de tais instituições. Assim, noticiava, em 11 de Junho de 1930, palestra ocorrida na Aliança Espírita de Santa Maria: “Subiu a tribuna o Senhor Octácilio Aguiar, decano do Espiritismo santa-mariense, que tomou para tema de sua palestra – A história se repete”.

Segundo a notícia, Aguiar passou a discorrer sobre o assunto em pauta, nesse sentido, a liderança espírita evidencia a operação do conceito de religião: explicando “religião não é adorar Deus em templos de pedra e cal, mas no altar de sua consciência em espírito e verdade”. Por conseguinte, passou a dissertar sobre a

⁶ A noção de soteriologia espírita baseia-se nas propostas de intervenção na sociedade. Segundo Artur Isaia (2012, p.103-104) a obra de codificação espírita sustenta-se em princípios da cidadania liberal e vinculados aos ideais de aperfeiçoamento humano, necessários à evolução, assumindo a lei do progresso. De viés linear, teleológica, com fins de uma utopia consoladora, compunha-se da ética civil estreitamente ligado ao trabalho, fundamental para cumprir os desígnios divinos e do progresso.

relação estabelecida pela regeneração do homem, novos valores e prestação de contas dos atos humanos. E em oposição a religiões dogmáticas, deixa clara a identidade espírita em consonância com os valores liberais: “O Espírita deve ler, estudar, meditar e não aceitar a doutrina com olhos fechados”. (DIÁRIO DO INTERIOR, 11/06/1930).

Por fim, a notícia afirma que Aguiar teceu considerações acerca de questões filosóficas e científicas, sendo acompanhado por curiosidade e atenção pela enorme assistência.

De nossa análise, e percorrendo diferentes notas sobre a propagação do espiritismo, temos a sensação tanto de disciplinarização acerca de uma prática espírita quanto o papel central desempenhado pela Aliança Espírita. Sua inserção envolvia uma dimensão complexa, porém, ao público mostrava o movimento espírita coeso, unificado e coerente. Com capital simbólico⁷, a atuação dos propagadores, suas redes de amizade e solidariedade consubstanciaram tais definições e o que representa ser ou não ser espírita.

Partimos das considerações de Bruno Scherer (2013) e Beatriz Teixeira Weber (2013) que evidenciam que a organização do movimento espírita em Santa Maria esteve fortemente vinculada à atuação de famílias espíritas e à constituição de redes de relação entre líderes, adeptos e elementos de diversos setores da sociedade local.

Dessa forma, o olhar sobre os propagandistas e seu discurso permite observar tal trânsito e ao mesmo visualizar as complexidades que existiam nessa configuração, sobretudo, na compreensão que tinham de si e do outro no âmbito concorrencial. Reitera-se a noção de espaço de sociabilidade, ainda de acordo com Ângela de Castro Gomes, ao se falar dos espaços de sociabilidade, deve-se ser compreendidos “em suas dimensões ‘geográficas’, por um lado, e também, ‘afetiva’, por outro lado, “demarcando vínculos de amizade e de hostilidade e principalmente, criando uma certa sensibilidade e visão de mundo”(GOMES, 1996, p. 42).

Não obstante, a encruzilhada de saberes em que está imerso o espiritismo incita questionamentos acerca da legitimidade de suas práticas na primeira metade

⁷ O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 2005, 9.101)

do século XX, desenhando um contexto tumultuado para os grupos espíritas. Para Giumbelli (1997, p.33-34), o espiritismo tornou-se alvo de preocupação para diferentes agentes que, a partir de várias instituições e utilizando-se de diversos meios, formularam teorias acerca de sua origem e implicações. Hereges, charlatões, curandeiros ou loucos reforçavam tanto curiosidade e medo, bem como se confrontavam com as intervenções estatais no campo da saúde pública. Nesse sentido, um conjunto de notícias presentes no Diário do Interior expressava tal contexto.

A notícia intitulada *Os Batuques e o falso Espiritismo*, de 12 de outubro de 1931, permite referenciar a temática na cidade de Santa Maria. Assim, as autoridades locais, na figura do senhor Coronel Valencio Coelho foram acionadas, onde constataram que o Senhor Antonio Carlos Coelho, residente no lugar denominado Potreiro da D. Filizzinha realizava sessões espíritas, onde promovia “algazarra, que muito molestava a vizinhança”. (DIÁRIO DO INTERIOR, 12/12/1931).

Segundo a notícia, após intervenção policial, foram presas as seguintes pessoas: Antonio Carlos Coelho, Maria do Carmo Chaves, amásia do batuqueiro, Edith Costa, filha do mesmo, Martina Costa, cunhada do mesmo, Maria Luiza do Nascimento e Diamantina de Oliveira. Ainda a notícia informou que compareceu uma mulher, esposa de Faustino de Oliveira, afirmando que o mesmo adquiriu paralisia nos braços após assistir uma sessão na casa de Antonio. E a mesma notícia levanta juízos de valor sobre a sanidade mental de Edith e Martina, pois as mesmas afirmam encarnar, respectivamente, os espíritos do Dr. João Pessoa, e do Dr. Aragão Bozano. Diante disso, as autoridades decidiram abrir uma cruzada contra os batuques e casas que realizassem sessões espíritas se estas não estivessem filiadas ou autorizadas pela Aliança Espírita Santa-Mariense (DIÁRIO DO INTERIOR, 12/10/1937).

Temos dimensões claras do capital legal e simbólico assumido pela instituição. Sob a égide da tragédia e do mistério, um falso espiritismo, causador de doença, de morte, enganador, emergia nas páginas do jornal. Assim, sob o título *Sangrenta Scena* numa sessão de Baixo Espiritismo, publicado em 1º de dezembro de 1931, ocorrido no município de Patrocínio, estado de Minas Gerais, lemos tais constatações descritas nos seguintes termos: “Durante a realização de uma sessão de baixo espiritismo, em que tomavam parte quinze pessoas, entre as quais algumas

senhoritas, apareceram os espíritos maus, que começaram a fazer uma série de tropollas” (DIÁRIO DO INTERIOR, 01/12/1931).

Os relatos são tomados de hesitação, as mulheres que estavam sentadas começaram a gritar e a despir-se, já os homens, em transe, travaram lutas com tais espíritos atrasados, mesmo sendo subjugados pelas mulheres. Em meio a tudo isso, tal situação teve um fim trágico: Assim, Joao Antonio sacou uma navalha e proferiu um profundo golpe sobre seu pescoço, já outro crente, atacado pelo mesmo furor, esfaqueou sua genitora, que falecera horas depois. (DIÁRIO DO INTERIOR, 01/12/1931).

Além disso, percebemos, ao mesmo tempo, uma campanha de oposição ao Espiritismo acerca de suas práticas de cura e uma celeuma inaugurada. Assim, em nota intitulada *O Espiritismo e a Medicina* infere-se a tentativa de driblar tal representação acerca do espírita e do curandeirismo nos seguintes termos:

O Jornal Diário da Noite que ouviu médicos e espíritas tem recebido muitas cartas e visitas de pessoas desejosas em relatar os benefícios do espiritismo, inclusive o bacharelado Piriades Aguiar que disse que há cinco anos esteve internado em sanatório como sofrendo psychosemaniaco-depressiva incurável, diagnosticado pelo professor Austregilo. Acrescentou que a conselho de amigos submeteu-se a um tratamento espírita e pouco depois se achava completamente curado (DIÁRIO DO INTERIOR, 22/06/1939).

Parafraseando Giumbelli, entre o crime e a cura, o Espiritismo vivia tal imbróglio, tal encruzilhada de práticas, de discursos e complexidades, emergindo o combate ao feiticeiro e ao curandeiro. Elemento traiçoeiro da credence humana, capaz de fazer o mal, o indesejável. Tanto Bastos (2001) quanto Scherer (2013) destacam o processo movido contra uma médium curadora conhecida como “Irmã Rolica”, acusada de prática ilegal da medicina na década de 1920, tendo sido defendida pelo advogado espírita Fernando do Ó, um dos dirigentes da AES.

Não obstante, o Espiritismo também era acusado de motivo de loucura, e, portanto, inseria-se num problema social de saúde mental. Apesar desse cenário inóspito, a definição de um “verdadeiro espiritismo”, onde a caridade assumia um papel central, aliando doutrinação, filosofia e ciência em oposição ao dogmatismo vigente no âmbito clerical.

Seguindo a lógica da disputa do campo, enquanto esse espaço de jogo, onde os agentes ocupam uma posição à qual estão ligados certos interesses sendo, neste caso, o espaço da cidade, onde duelavam diferentes perspectivas morais (BOURDIEU, 1996). Tal perspectiva de intervenção social a partir das obras assistências é ressaltada no seguinte trecho, tendo por referência a Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade⁸:

Hoje à Rua Barão do Triunfo, 185, será inaugurado oficialmente um abrigo de crianças sob o nome de Instrução e Trabalho, ali mantido há mais de um ano pela Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade, da qual é atualmente presidente a Exm^a. Sr Dona Nenê de Souza (DIÁRIO DO INTERIOR, 23/02/1936).

Da mesma maneira, *O Dia de Flor*, organizado pela mesma instituição, com o intuito de arrecadar doações para os necessitados evidenciava uma tentativa de interferir no mundo daqueles que sofrem, e os solidários recebiam em troca flores de papel confeccionadas pelas abrigadas e associadas. Nesse sentido, Daniel Cristovão, uma das lideranças da Aliança Espírita, escreve com entusiasmo sobre o evento, demarcando as redes de solidariedades e o trânsito dos agentes nas diferentes instituições:

Viandante, abre generosamente a tua bolsa e deixa cair a tua moeda em troca da flor que mãos pequenas de uma donzela vão pregar em teu paletó. Lembra-te, assim fazendo, estás minorando o sofrimento dos pequeninos, filhos da dor e da miséria. Recorda-te que quando eras pequeno, e atende ao apelo dessas formosas almas que afrontando os preconceitos e as decepções do mundo, percorrem as ruas dessa cidade, na faina carinhosa de recolherem algumas moedas destinadas ao socorro de muitas crianças necessitadas. (DIÁRIO DO INTERIOR, 20/05/1933).

É possível relacionar a uma ideia de performance, a um jogo de identificação que se legitima no espaço da cidade cuja flor simboliza a plenitude da solidariedade.

⁸ Fundada em 13 de abril de 1927, a partir da iniciativa de um grupo de mulheres espíritas atuantes em Santa Maria. Os fins da instituição foram então definidos como sendo o estudo, a prática e a difusão do espiritismo fundamentado nas obras de Allan Kardec. Em 1928, com a posse de sua primeira diretoria definitiva, foi criada uma Diretoria de Assistência aos Necessitados, encarregada da arrecadação de alimentos, roupas e outros donativos. Em 1932, a SEEC ampliou sua ação assistencial com a organização do “Abrigo Espírita Instrução e Trabalho”, destinado ao atendimento de crianças carentes da cidade e região. Assim, as tarefas básicas em favor dos assistidos foram definidas através do internato, alimentação, instrução profissional e religiosa, ensino escolar e cuidados médicos. (SCHERER, 2013).

Portanto, revela-se uma noção de presença, de ação no espaço social de Santa Maria. Conforme Bruno Scherer, “num contexto marcado pela afirmação da Igreja Católica, as instituições espíritas locais foram impelidas a buscar formas de inserção na sociedade, sendo as obras assistenciais uma das principais iniciativas para alcançar esse objetivo.” (SCHERER, 2013, p. 60)

Com o intuito de fortalecer o movimento espírita, em 1938, com o título de uma propaganda de larga envergadura, noticia-se o projeto divulgação encabeçado pela Aliança Espírita de Santa-Mariense, sob a presidência de Fernando do Ó. Palestras, eventos de estudo, homenagens em prol da causa espírita ocorreriam nos meses de janeiro, fevereiro e março cujo encerramento seria no dia daquele mês, data de morte de Alan Kardec, com uma Sessão Solene. Conforme a notícia de 15 de janeiro de 1938 nota-se que: “reina entusiasmo entre os adeptos do Espiritismo para esse trabalho de propaganda e arregimentação espírita” (DIÁRIO DO INTERIOR, 15/01/1938).

Nesse cenário, no espaço do Jornal, a instituição informa sobre aspectos cruciais de seu funcionamento e quanto às atividades desenvolvidas pelo movimento. Parece indicar a tensão vivenciada com o poder público ao justificar que: “Depois de terminada as obras de reconstrução, a diretoria irá entender-se com o Governo Municipal no sentido de ser dotada a escola municipal que funciona no salão de conferência, de moderno mobiliário”. (DIÁRIO DO INTERIOR, 15/01/1938).

Ao argumentar que tal iniciativa partiu do movimento espírita e o que o mesmo é responsável pelos seus custos, a nota explicativa da instituição acrescentou que a “sociedade ainda paga impostos à Fazenda Municipal, o que não é justo, de vez que nada cobra a título de aluguel ou qualquer tipo de contribuição que fornece à instrução pública municipal”. (DIÁRIO DO INTERIOR, 15/01/1938).

A partir disso, deduzimos distintas estratégias do movimento espírita em Santa Maria: de um lado a importância da SEEC enquanto marco da assistência social na cidade, de outro a ação de intelectuais que se forjam enquanto especializados a falar em nome do espiritismo. É nesse sentido que a divulgação empreendida por Fernando Souza do Ó assume perspectivas peculiares.

O ano de 1938 também coincide com a publicação do romance *Almas que voltam*, de autoria de Fernando do Ó, então presidente da Aliança Espírita Santa-

Mariense. Nas páginas do Diário do Interior, somos informados sobre a expectativa em torno da obra sua recepção: “Almas que Voltam é o título sugestivo da nova obra do vitorioso escritor patricio que todo o Rio Grande do Sul admira através de sua fecunda atividade intelectual. [...] o trabalho em apreço estuda os fenômenos da encarnação e reencarnação a luz da ciência e da filosofia” (DIÁRIO INTERIOR, 28/05/1938).

Ao aproximar ciência e filosofia percebemos o que, segundo Marco Diniz Silva (209, corresponde às condições propícias de adesões e alianças por parte de pessoas que defendiam projetos alternativos de sociedade, onde a religião assumia um papel primordial. Assim, o moderno-espiritualismo, como rede de pensamento composta por maçons, espíritas, socialistas, anarquistas, estabelecia afinidades eletivas e alianças intelectuais, em sua maioria, com dupla pertença e de atuação diversificada em espaços da vida social.

No mesmo sentido, Artur Isaia (2007.p.312) aponta que tal aproximação pode ser entendida no âmbito de um ideário de inimigos comuns e da luta pela defesa do estado laico e da república no Brasil. A aliança, portanto, se dava a partir de um ambiente cultural comum. Obviamente, como destaca o autor, tais questões devem ser problematizadas, pois apesar da relação de cumplicidade, solidariedade e fraternidade, tais redes davam-se em meio a conflitos internos.

Em notícia de 14 de setembro de 1930, notam-se indícios das relações sociais estabelecidas:

Realiza-se, hoje, no Salão Nobre da Loja Maçônica Luz e Trabalho, junto à Praça Saldanha Marinho, a primeira conferência da série organizada pela Aliança Espírita Santa-mariense. Esta agremiação espírita local fez distribuir, pela cidade, boletins, convidando o povo para assistir essas conferências. A de hoje que está a cargo do escritor patricio tenente Fernando do Ó, será dita em torno do tema “O que é espiritismo”. (DIÁRIO DO INTERIOR, 14/06/1930).

Um primeiro olhar sob o convite poderia ressaltar as relações entre Maçonaria e Espiritismo, porém o que mais chama atenção é o uso do nome de Fernando do Ó enquanto capital simbólico e estratégia de divulgação. Assim, associava-se o membro do espiritismo com a do articulista e colaborador do Jornal Diário do Interior, já que se faz questão de reforçar a ideia de que o interesse em torno das palestras de Fernando do Ó transpõem aos círculos espíritas. Por fim, a notícia faz questão de

concluir em torno como projeção de sucesso e recepção: “prevê-se que o vasto salão da Luz e Trabalho seja pequeno para comportar a assistência que se crê numerosa” (DIÁRIO DO INTERIOR, 14/06/1930).

Autodidata, Fernando do Ó empreendeu um estudo sistematizado da doutrina elaborada por Allan Kardec, e destaca-se na sua atuação incisiva na cidade de Santa Maria. Denominando-se “propagandista” com Otacílio Aguiar, participou da fundação de instituições espíritas e como palestrante dos aspectos doutrinários transitando, além de presidir em diversos momentos a Aliança Espírita Santa-Mariense. Advogado, maçom e espírita, a trajetória de Fernando do Ó oferece elementos para a reflexão de como se estabeleceram alianças e as disputas no campo religioso.

Sua importância pode ser detectada na nota a seguir:

Perante grande assistência realizou-se anteontem na sede da Aliança Espírita Santa-mariense, a Sessão de Comemoração da morte de Allan Kardec. A sessão foi prestigiada por Octacílio de Aguiar. Falou o tenente Daniel Cristovão. Depois usaram a palavra o Sr. João F. Souza, Aristídes Lemos e Fernando Souza do Ó. A este último foi oferecida uma pasta em sinal de gratidão da família espírita pelo muito que tem feito pela doutrina espírita. (DIÁRIO DO INTERIOR, 2/04/1933).

Diante disso, analisamos a divulgação dos textos de caráter doutrinário de autoria de Fernando do Ó. Privilegiamos, nesse sentido, os textos do jornal *Diário do Interior* assinados na seção *Pelo Espiritismo*, de forma a evidenciar a intrincada rede de pensamento defendida pelo autor. Inferimos a importância das vozes autorizadas a explicar o espiritismo no espaço público e, como nos lembra Bourdieu, forja-se o “poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido” (BOURDIEU, 1998, p.87).

Além do espaço do jornal, a vida de Fernando do Ó indica uma série de redes de afinidades importantes para a organização do movimento espírita na cidade. Em 1915, ainda atuando como sargento, passou a fazer parte da Loja Maçônica Luz e Trabalho. Esta Loja nasceu da fusão, em 1907, das Lojas Luz e Fraternidade e Paz e Trabalho. Segundo Vécio (2010), existe uma intensa documentação entre as lojas e o

Grande Oriente (GORGS) que confirmam a presença do pensamento anticlerical nas discussões realizadas nesses espaços⁹.

Outro aspecto da trajetória de Fernando do Ó carece de aprofundamentos: sua formação acadêmica e sua inserção no cenário intelectual dos anos de 1930-1940. Nesse sentido, o ano de 1932 redimensionou sua inserção social no espaço da cidade. Após a conclusão do curso de Direito na Faculdade de Pelotas, surgia então, o Dr. Fernando do Ó. Iniciava-se, assim, segundo Corrêa (2004), uma trajetória de sucesso na ciência do Direito Após seu licenciamento e transferência para a reserva em 1934 no posto de 1º Tenente, atuou principalmente nas áreas civil e criminalista.

Em 1940, participou da fundação da Sociedade Rio-Grandense, sendo presidente da 6ª Subseção da Ordem dos Advogados nos anos de 1940. Indícios de uma presença na organização do Centro Cultural de Santa Maria, seja como crítico de teatro, escritor de crônicas, peças e romances, ou candidato a Deputado Estadual na constituinte de 1933¹⁰, a trajetória de Fernando do Ó permite referenciar os conflitos e concorrências do campo religioso de Santa Maria. Em que o assumir publicamente ser espírita dimensionou engajamentos de sua parte. No jornal, temos o testemunho de suas reflexões e posicionamentos.

Em *O problema do Destino*, o autor tratou da lei de causa e efeito e da justiça divina. Inserido na concepção das múltiplas encarnações, a narrativa ressalta a lei divina como implacável, e numa relação entre passado-presente, ratifica-se que “nada escapa à lei, formidável do equilíbrio e a reparação”. A concepção de pessoa e destino concebe-se no âmbito dessa relação. Assim:

[...] o destino nós é que construímos, sereno ou tempestuoso, ameno ou doloroso na escala para a Perfeição. As disparidades sociais, as diferenciações humanas, a riqueza, a pobreza, a dor, a miséria, a alegria e o sofrimento, tudo encontra explicação na teoria encarnacionista, mediante a qual se alongam para a eternidade os

⁹ Temos uma vasta bibliografia acerca das disputas religiosas vivenciadas na cidade de Santa Maria, entre os trabalhos destacamos: Biasoli (2010), Karsburg (2007) e Borin (2010) que, em nossa leitura, indicam o jogo de tensões, interesses, e uma pluralidade de agentes falando sobre si, sobre seu mundo e defendendo suas concepções.

¹⁰ Fernando do Ó foi candidato a deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1934 pela Liga Pró-Estado Leigo. Em nossa análise, confrontamos as disputas religiosas do presente momento. Nesse sentido, em oposição às elites católicas, a Liga Pró-Estado Laico defendia o estado laico e a liberdade religiosa. É a partir desse momento que Fernando do Ó é alçado à condição de inimigo católico na cidade de Santa Maria. O pleito ocorreu em 3 de maio de 1933, e o candidato obteve cerca de 1696 votos, sendo a Liga Pró-Estado Leigo a menos votada na cidade de Santa Maria.

nossos olhares cansados de esperar a felicidade sonhada (DIÁRIO DO INTERIOR, 25/07/1937).

Sendo assim, ressalta-se uma espécie de lei de reparações e equilíbrio, decorrente de uma vida pregressa, a partir do pressuposto da eternidade da alma e a vida futura dependente das ações do passado. Assim, em confluência com tal pensamento, evidenciava as expiações e as provações no âmbito dessa lógica, que remete ao uso do passado, de forma a estabelecer uma intrincada lógica moral, a tomada de ensinamentos e de expectativa em torno do aprimoramento:

E é na dor que a consciência acorda para a compreensão mais alta das leis que regem a evolução dos seres e dos mundos. E ela é o nosso destino e fruto de nossas atividades delituosas. [...] E quando ela chega estamos em pleno período de reparação. A dor vem quando a alma entende que sou a hora das supremas reabilitações. E nada mais prende o espírito à transitoriedade das cousas do mundo. Começa a vida superior. [...] (DIÁRIO DO INTERIOR, 25/06/1937).

Esse argumento é retomado no texto *Renovação da Memória* publicado em 8 de agosto de 1937. Partindo de referências da ciência como Charles Richet e Sigmund Freud, Fernando do Ó dissertou sobre a questão da memória das múltiplas encarnações. Inicialmente, as proposições do autor convergiam para a afirmação que “o subconsciente Freudiano e a causa geratriz do sexto sentido de Richet ratificam a crença do Perispírito¹¹” (DIÁRIO DO INTERIOR, 08/08/1937).

Segundo o autor, é graças ao perispírito que a renovação da memória ocorria naturalmente. Aproximando os esquecimentos e mecanismos de defesas freudianos à ação do perispírito, e que durante o sono eclodem, o autor aproxima tais conceitos aos pressupostos espíritas. Assim, o perispírito corresponde ao arquivo de todos os nossos atos, a memória de nossa personalidade. E novamente, é a partir dessa bagagem que o homem projeta sua vida futura, tendo por referência a lei das reparações. E cumpria-se a justiça indefectível. Finalizando nos seguintes termos: “Por ele – o Mediador Plástico – o espírito modela o próprio corpo que vae habitar

¹¹ Para Amorim (2011) o homem é formado de três partes: (1) o corpo, que é análogo ao dos animais; (2) a alma, espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação; (3) o princípio intermediário, ou perispírito, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Portanto, a alma é revestida por este envoltório ou corpo fluídico, chamado perispírito. Este invólucro é retirado do fluido universal de cada globo pelo espírito que lhe dá a forma que deseja. Daí porque, passando de um mundo para outro, o espírito muda de envoltório, como mudamos de Roupa.

em determinada existência, e nele estão registrados todos os nossos atos que vae servir de orgulho ou de vergonha ao espírito de peregrinação pela terra” (DIÁRIO DO INTERIOR, 8/08/ 1937).

Buscando estabelecer coerência em seu argumento, Fernando do Ó tenta conceituar Perispírito tendo por base a agência humana de sua existência, quando escreve que “suave ou doloroso, nosso destino nós é que forjamos” (DIÁRIO DO INTERIOR, 08/08/1937). Tal pensamento traz indícios de moral que mescla-se com as descobertas científicas antes relatadas, dessa maneira, o sentido de conciliação indica-nos uma expectativa: na fronteira entre o bem e o mal, configura-se o que o autor define como “escala em busca do progresso, uma de peregrinação do individual em busca de transformação”, e como ressalta Cavalcanti (1983, p.27), “o livre-arbítrio e, com ele, a noção de individualidade subordinam-se às leis do progresso e da evolução”. Dentro dessa perspectiva, indica uma estratégia de busca de poder por parte da liderança espírita, definido por Bourdieu, quando escreve que: “todo o agente social aspira, na medida de seus meios, a este poder de nomear de constituir o mundo nomeando-o” (BOURDIEU, 1996, p. 81).

Considerações Finais

Como já mencionado, esse trabalho insere-se ao projeto mais amplo de pesquisa sobre a atuação de lideranças espíritas na cidade de Santa Maria. Nesse sentido, percebe-se que os órgãos da imprensa se constituíram em um espaço importante de investimento para as diferentes denominações religiosas em disputa por adeptos na cidade.

O presente artigo dedicou-se à análise das estratégias construídas pelos espíritas na lógica de funcionamento do campo religioso santa-mariense. Assim, o esclarecimento junto à sociedade local e sua presença no jornal indicam importantes estratégias do movimento espírita no sentido de informar sobre suas ações na cidade. Palestras, atividades de estudo, ações assistenciais pareciam responder a curiosidade da sociedade santa-mariense, amenizando a insegurança frente acusações e constrangimentos que o Espiritismo vivenciou em sua organização enquanto movimento social e religioso. Os escritos acima analisados endossam a redes de

sociabilidades, as expectativas e formas de intervenção na sociedade por parte do movimento espírita a partir da bandeira da assistência social e caridade. De certa forma, o jornal leigo, e independente instiga já que textos, como os de Fernando do Ó, propunham-se a discutir conceitos relativos ao que o autor chama de ciência espírita, inserindo, assim, tais pressupostos no cotidiano da cidade.

Enfim, diante do até então discutido, tais vestígios confirmam o lugar social de onde os espíritas falavam e seu projeto de sociedade. Buscamos, a partir disso, capturar as práticas culturais do sensível, as apreensões da realidade desses homens e mulheres (ISAIA, 2010), daqueles silenciados frente à uniformização de nação católica. Seus engajamentos podem nos servir de incentivo para a retomada da discussão do religioso acerca das lutas empreendidas em nome de sua liberdade de credo, evidenciando, assim, projetos alternativos e expectativas de construção de uma sociedade melhor.

Referências

Bibliografia

AMORIM, Pedro Paulo. **Renovação Cristã: de Kardec a Lutero – o papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949-2010)**. Santa Catarina: Dissertação de Mestrado em História/UFSC, 2011.

_____. Roustaing: A Cisão no interior da Federação Espírita Brasileira (1920 1992). **I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades - ANPUH Identidades Religiosas e História**, 2007, p.1-10.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Sociologia/USP, 2008.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

BASTOS, Lauren Albrecht. **Representações e Práticas sobre Saúde e Doença entre Líderes Praticantes dos Centros Espíritas em Santa Maria**. Santa Maria: Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais/UFSM, 2001.

BIASOLI, Vitor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

_____. A Construção da igreja matriz em Santa Maria/RS: um marco do avanço do ultramontanismo (1902-1909). ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011, p.1-12. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

BORIN, Marta Rosa. **Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da República**. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, UNISINOS, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **A economia das trocas lingüísticas** – O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 40, n.2, p. 31-82, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. A política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo: as imprevisibilidades do discurso. In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. (Org.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2011, v. , p. 113-126.

_____. Transe Mediúnico e Norma Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro da Primeira Metade do Século XIX: O olhar de Xavier de Oliveira. **Esboços** (UFSC), v. 17, p. 31-50, 2010.

_____. Espiritismo, República e Progresso no Brasil. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da; ISAIA, Artur Cesar. (Org.). *Progresso e Religião: a República no Brasil e em Portugal 1889-1910*. Coimbra / Uberlândia: Imprensa da Universidade de Coimbra / Universidade Federal de Uberlândia, 2007, v.1, p. 285-306.

_____. Religião e magia na obra dos intelectuais da Umbanda. **Projeto História** (PUCSP), v. 37, p. 195-214, 2008.

MATTOS, Renan Santos. **Que espiritismo é esse?** Fernando do ó e o contexto religioso de Santa Maria- RS (1930-1940). 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade. *Fronteiras com a ética e a cultura*. In: Daniel Lins. (Org.). **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Campinas: Papyrus, 1997, v. , p. 25-34.

SCHERER, Bruno Cortês. **Ações Sociais do Espiritismo: A Sociedade Espírita Feminina Estudo e Caridade, Santa Maria – RS (1932-1957)**. Santa Maria: Trabalho de Conclusão do Curso de História/UFSM, 2013.

SILVA, Eliane Moura . Fé e Leitura: A Literatura Espírita e o Imaginário Religioso. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL*, 1996. **ANAIS**. SÃO PAULO. v. 1. p. 12-21.

SILVA, Marcos José Diniz. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**. Tese de Doutorado. Fortaleza: UFC, 2009.

WEBER, Beatriz Teixeira. Espiritismo e Saúde: concepções a partir das práticas numa sociedade kardecista. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, p. 19-44, 2013.

Fontes

- *Jornal Diário do Interior*, Santa Maria, 1930-1932. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

- *Jornal Diário do Interior*, Santa Maria, 1932-1939. Casa de Memória Edmundo Cardoso.

- *Estatutos da Aliança Espírita Santa-Mariense*, 1926. In: Acervo Histórico Aliança Espírita Santa-Mariense.

Recebido em Abril de 2016
Aprovado em Junho de 2016